

Cem anos da Revolução Russa e os reflexos para o Brasil

*Emerson Rodrigues da Silva**

Introdução

Fitzpatrick (2017) afirma que as revoluções são sublevações sociais e políticas complexas. Os historiadores que escrevem sobre elas tendem a divergir quanto às questões mais básicas — suas causas, os objetivos revolucionários, o impacto na sociedade, o resultado político e até mesmo a extensão temporal da revolução em si. No caso da Revolução Russa, o ponto inicial não apresenta problema: quase todo mundo considera que ela seja a “Revolução de Fevereiro” de 1917.

Quando é citada a Revolução Russa, rapidamente os nomes que nos vêm à mente são: Lênin, Stalin e Comunismo. Entretanto, esta revolução é algo mais complicada do que se pode imaginar, sendo o comunismo¹ uma de suas principais manifestações, que acabou saindo politicamente vitoriosa e com representatividades que potencializaram suas perspectivas de expansão além das fronteiras físicas do então Império Russo.

Diante desse entendimento, a Revolução Russa se materializou em fevereiro de 1917, com a mobilização de representantes da ala moderada, denominada menchevique (minoria), e do POSDR (Partido Operário

Social-Democrata Russo), que tinham a finalidade de substituir a monarquia pela República Parlamentarista. Tal fato se concretizou, levando com isso à abdicação do imperador Nicolau II e à formação do Governo Provisório.

Vários acontecimentos sucessivos compuseram o cenário de uma das revoluções mais expressivas dos últimos séculos, não havendo, com isso, um consenso entre os historiadores sobre a data exata de seu fim; no entanto, esses mesmos afirmam que o que sucedeu à abdicação do imperador não foi um resultado linear e inevitável de uma cadeia de acontecimentos reconstituída a posteriori. Porém, reverberam em diversos campos do poder nacional, em vários Estados Nacionais, até os dias atuais.

Após a vitória e ascensão dos bolcheviques, que provocou a derrubada do czar Nicolau II, e mais tarde, com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a expansão da ideologia socialista se tornou uma realidade principalmente no Leste Europeu. A partir de então, sucessivos acontecimentos levaram nações de outros continentes a sentirem os efeitos da tentativa de imposição das práticas socialistas e

* Maj Mat Bel (AMAN/00, EsAO/08). Atualmente, é aluno da ECEME.

comunistas. No Brasil, a tentativa de imposição do socialismo trouxe reflexos consideráveis nas expressões política, econômica, social e militar.

São passados cem anos da Revolução Russa, um dos eventos históricos mais relevantes do século XX, gerador de discursos profundamente diversos e de antagonismos extremos, que configuram instrumentos significativos na construção das representações culturais e políticas sobre povos, civilizações e culturas. Cabe a pergunta essencial sobre o que pode ser apreendido, hoje, a partir da experiência de 1917 e do andamento histórico que sucedeu a derrubada do czarismo na Rússia: qual foi a extensão dos efeitos da referida revolução no mundo e suas implicações na geopolítica? e o que influenciou a revolução no Brasil? Esses questionamentos abrem espaço para violentas disputas interpretativas sobre os eventos desencadeados a partir de fevereiro de 1917, que demandam discussões amplas, capazes não de resolver as questões levantadas, mas de sintetizar os inúmeros sinais ou símbolos amontoados sobre o tema.

As origens do socialismo e do comunismo

A história do socialismo encontra suas origens na Revolução Francesa e nas mudanças trazidas pela Revolução Industrial, apesar de ele ter precedentes em movimentos e ideias anteriores. Assim como o conceito de capitalismo, ele contém uma grande gama de visões.

Entretanto, o termo “socialismo” é geralmente atribuído a Pierre Leroux em 1834, que chamou de socialismo “a doutrina

que não desistiria dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade” da Revolução Francesa de 1789. Sua base ideológica originou-se da maioria dos socialistas daquele período que se opuseram aos desdobramentos trazidos pela Revolução Industrial. Eles criticaram o que conceberam como injustiça, desigualdades e sofrimentos gerados pela revolução e o mercado livre, no qual ela se sustentava. Para se compreender o histórico dos principais precursores do socialismo no mundo, será necessário o conhecimento dos principais tipos de socialismo; entre esses, é mister citar alguns, tais como: utópico, científico, cristão e social-democracia.

Cabe destacar que, na segunda metade do século XIX, surgiram dois pensadores de expressão que pregavam a doutrina do Socialismo Científico: Karl Marx e Friedrich Engels. Esses pensadores foram o marco das bases para a reformulação dos princípios do socialismo, com a análise socioeconômica sobre as relações de classe e conflito social. Utilizavam-se de uma interpretação materialista do desenvolvimento histórico e uma visão dialética de transformação social. Afirmava que o socialismo seria alcançado a partir de uma reforma social, com luta de classes e revolução do proletariado, pois no sistema socialista não deveria haver classes sociais nem propriedade privada, sendo um ponto de inspiração ideológico para, mais tarde, a eclosão de revoluções como a Bolchevique de 1917.

Torna-se fundamental, no contexto da história do socialismo, citar também Antônio Gramsci e a influência que suas ideias exerceram no mundo. Segundo Coutinho (2012), Antônio Gramsci (1891-1937), marxista e

intelectual italiano, foi, na sua mocidade, socialista revolucionário e membro o Partido Socialista Italiano, no seio do qual fez sua iniciação ideológica. Ingressando no movimento, desde cedo demonstrou especial vocação para a militância intelectual.

A partir de 1929, quando preso, Gramsci redigiu 33 cadernos do tipo escolar até 1935, quando teve sua saúde afetada, vindo a adoecer. Os referidos escritos abrangiam os mais variados assuntos, tais como: exercícios de tradução, filosofia, sociologia, política, pedagogia, geopolítica, crítica literária e comentários sobre diversificados temas. O tema central dessas redações, que mais tarde se tornaria a obra *Cadernos do cárcere*, foi o pensamento político do autor, que tratou sobre contribuições inéditas e atualizadas ao marxismo e uma concepção estratégica de tomada do poder (“transição para o socialismo”). Esses escritos, em momentos diferentes da história, orientaram e continuam a orientar a conversação da sociedade para o socialismo em diferentes países do mundo.

A Revolução Russa

A Rússia é o país com a maior extensão territorial do mundo; um lugar que abriga um passado histórico violento, de guerras e revoluções. De todos esses momentos, nenhum foi mais marcante do que a Revolução Russa de 1917. Segundo Bastos (2012), a citada revolução foi responsável pelo aparecimento do primeiro país socialista do mundo. O movimento surgiu em meio à Primeira Guerra Mundial e foi responsável por mudanças drásticas no país. É possível classificar o imenso Império Russo em princípios

de 1917 como um Império absolutista, em sua maior parte agrário e preso às influências da Igreja Cristã Ortodoxa.

Para melhor entendimento da Revolução, destacam-se alguns eventos marcantes que precederam e suscederam o ápice desse movimento, tais como: o ensaio geral; a participação e saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial; a guerra civil; a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); bem como as mudanças advindas dos governantes subsequentes a Lênin. Entendem-se como ápice do referido movimento as Revoluções de Fevereiro e de Outubro, às quais, neste artigo, será dada maior ênfase.

Os antecedentes da Revolução Russa estão diretamente relacionados à Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, e a eventos subsequentes, com a formação do proletariado, prática do capitalismo e evolução das ideias socialistas.

De fato, o insucesso dos russos na guerra Russo-Japonesa levou à tona uma série de questões políticas e sociais que insuflaram parte da sociedade. Em janeiro de 1905, diante desse cenário, trabalhadores de São Petersburgo realizaram uma manifestação pacífica, organizada não por militantes e revolucionários, mas por um religioso renegado com relações com a polícia, a fim de atrair a atenção do czar para suas queixas econômicas.

Essa manifestação, aparentemente pacífica, foi duramente reprimida por tropas imperiais, no conhecido Domingo Sangrento (9 de janeiro). As referidas tropas dispararam contra os manifestantes diante do Palácio de Inverno; os protestantes foram executados por soldados a cavalo, que degolaram milhares de pessoas com as suas

espadas; os que sobraram foram executados a tiros pelos rifles do exército russo. A partir desse evento, o czar Nicolau II ficou desmoralizado perante a sociedade, dando início à Revolução de 1905, com severas consequências ao país, sendo uma das mais relevantes a grave crise econômica.

A partir de 1910, Nicolau II retomou seu interesse na posse do território da Áustria e da Turquia, já que os estudos geopolíticos à época apontavam sinais de vulnerabilidades nesses países. Segundo Biasetto (2017), dentro do seu jogo de poder, o controle sobre a Turquia daria à Rússia o desejado acesso ao estreito de Dardanelos e, assim, a possibilidade de dominar o comércio no mediterrâneo. A Áustria possuía o controle de territórios na Europa Central que muito interessavam à Rússia. Assim a Rússia entra na Primeira Guerra Mundial.

A entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial aumentou a vulnerabilidade do antigo regime czarista e pode ser vista como elemento contribuidor para acentuar as insatisfações com a monarquia absolutista. Grande parcela da população passou a não tolerar derrotas, e, quando estas ocorriam, a sociedade voltava-se violentamente contra o governo absoluto de Nicolau II, apontando sua incompetência e incapacidade. Diante disso, as forças políticas de oposição voltavam a ganhar força.

A situação se tornara insustentável. Reapareceram movimentos grevistas, os trabalhadores das fábricas se recusavam a trabalhar, as críticas de várias integrantes da sociedade Russa em relação ao governo czarista cresceram, e a população estava desacreditada e descontente com o direcio-

namento da maioria dos gêneros alimentícios para suprir as necessidades dos soldados em guerra, o que causava de certa maneira o desabastecimento em cidades.

Para Bastos (2012), as revoltas passaram a adquirir caráter político, deixando de ser somente um caso social. Os gritos da população constataavam essa mudança: aos clamores por pão somavam-se os brados de “Abaixo o czar!”. Houve choques entre a polícia czarista e o povo. Em meio a essas perturbações, encontravam-se os soldados, cômicos de que precisavam fazer uma escolha: o dever moral para com o povo ou o juramento de obediência ao czar.

De fato, esse cenário político e social descrito foi fundamental para a eclosão de uma série de eventos em datas subsequentes (23, 24, 26 e 27 de fevereiro), que ficaram conhecidos como a Revolução de Fevereiro. Finalmente, em 3 de março, Nicolau II, abdicou do poder em favor de seu irmão Miguel, cuja recusa em assumir a coroa, levou a Rússia a ser libertada do poder absoluto dos czares, pondo fim à dinastia Romanov, que governava desde 1613. O Governo Provisório surge com a perspectiva da realização de uma Assembleia Constituinte para escolher a nova forma de governo. Cabe destacar a liderança nesse processo de estabelecimento do Governo Provisório, do então deputado, Alexander Kerensky.

O novo governo provisório esperava continuar a guerra e envidar esforços para terminar com a escassez de alimentos e muitas outras mazelas sociais. Após Alexander Kerensky assumir definitivamente o governo, passou a enfrentar desafios de enormes proporções. Entre esses, a força do partido Bolchevique

de Vladimir Lênin, líder revolucionário, que deixava seu exílio na Suíça e cruzava as linhas inimigas alemãs, retornando à Rússia, disposto a assumir o controle da Revolução.

Nesse contexto, desenvolveu-se a Revolução de Outubro. Em setembro de 1917, foi eleito presidente do soviete de Petrogrado² o líder bolchevique, Leon Trotsky. Uma de suas primeiras atitudes foi formar a Guarda Vermelha, constituída por uma força militar de operários. Essa mesma guarda, auxiliada pela tropa militar de Petrogrado e pelo cruzador Aurora (Navio de combate), iniciaram a insurreição.

Na madrugada de 25 de outubro, do Smolni, sede do Soviet de Petrogrado, partiram destacamentos para ocupar pontos estratégicos da cidade e tomaram o Palácio de Inverno, pondo fim ao governo provisório sem, praticamente, derramamento de sangue. O governo fugiu, deixando apenas um batalhão de mulheres na guarda do palácio. Não houve resistência [...]. (VIANA, 2017)

De fato, estava deposto Kerensky. As perspectivas de Lênin e dos bolcheviques eram as mais favoráveis possíveis. Diante desse contexto, Lênin subiu à tribuna e proclamou que todo poder seria, a partir de então, transferido aos sovietes de deputados operários, camponeses e soldados, sendo o próximo passo, a construção de uma nova ordem socialista.

A Revolução de Outubro revelou uma conduta peculiar dos bolcheviques na condução política da Rússia pós-regime czarista. Na busca da consolidação do poder, a Guerra Civil eclodiu em meados de 1918, após alguns meses da formalização da paz de

Brest-Litovsk entre a Rússia e a Alemanha, o que marcou a retirada definitiva das tropas russas da guerra (I Guerra Mundial).

O referido conflito se apresentou em várias frentes contra uma série de “Exércitos Brancos” (antibolcheviques). Os Brancos contavam com o apoio de diversos países, entre eles incluíam-se antigos aliados da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Os bolcheviques possuíam uma visão peculiar desse conflito: viam-se envolvidos em uma luta de classes que abrangia a esfera doméstica bem como a esfera internacional. Isso resumia-se na luta do proletariado russo contra a burguesia russa e a revolução internacional contra o capitalismo internacional.

De fato, as perdas do lado dos bolcheviques foram expressivas. Por outro lado, eles tiveram sua primeira experiência de governo e, em meio às incertezas, saíram vitoriosos, o que, sem dúvida, moldou o desenvolvimento subsequente do partido em muitos aspectos importantes. Historiadores do mundo inteiro consideram que a experiência da Guerra Civil “militarizou a cultura política revolucionária do movimento bolchevique”.

A Revolução Russa e a geopolítica mundial

A série de acontecimentos provenientes da Revolução Russa deixou suas marcas no cenário internacional, assinalando a transição para uma fase de instabilidades ideológicas, intensificando-se logo no período após a Segunda Guerra Mundial, com o advento da Guerra Fria. No início desse período, o mundo contava com apenas dois países comunistas: a URSS (1917) e a Mon-

golia (1924). Então, o expansionismo comunista se deu, em grande parte, sob a liderança da URSS, que se beneficiou por possuir uma condição militar forte e explorar o processo de descolonização de algumas nações. Tudo isso, apresentando como pauta principal a expansão dos ideais do marxismo-leninismo.

Para Xavier (2010), a supremacia dos EUA foi a principal característica das primeiras duas décadas após a Segunda Grande Guerra. A economia capitalista crescia aceleradamente, assim como o seu perfil consumista, o qual se tornou modelo a ser seguido pela sociedade da era pós-Grande Depressão.

Os eventos que eclodiram nesse período em muito tiveram relação com a força da proposta comunista oriunda da Revolução Russa. Marcaram o período da Guerra Fria à frente da URSS, os seguintes governantes: Joseph Stalin (1924-1953), Gueorgui Malenkov (1953-1955), posteriormente, Nikita Khushchev (1955-1964), Leonid Brezhnev (1964-1982), Yuri Andropov (1982-1984), Konstantin Chernenko (1984-1985) e, por fim, Mikhail Gorbachev (1985-1991). Com esses governantes, a URSS procurou se fazer presente no cenário internacional com a expansão de uma política socialista e comunista. Adicionalmente à influência que a Rússia já exercia sobre as repúblicas soviéticas, particularmente no Leste Europeu.

Com a URSS sendo uma das nações vitoriosas na Segunda Guerra e dotada de um poder bélico relevante, ao final de 1945, acreditou-se, em muitos foros, que a tendência mundial era o comunismo autoritário, ao invés do capitalismo democrático. Sendo assim, a URSS resolveu impor o seu novo sistema e passou à disputa política, econômica

e geopolítica, indo de encontro aos EUA, representante do sistema vigente da época, o capitalismo. Eventos marcaram a expansão e o fortalecimento do comunismo no cenário mundial; dentre eles, podemos citar: bloqueio à cidade de Berlim, proclamação da República Popular da China, guerra entre as Coreias, Pacto de Varsóvia, levante Húngaro, revolução cubana, construção do muro de Berlim, crise dos mísseis, migração do Vietnã, Laos e Camboja para governos comunistas, descolonização no continente africano com a criação de países com nítida inspiração política marxista e, ao final, queda do muro de Berlim e a dissolução da URSS.

O protagonismo da URSS durante a guerra fria esteve diretamente ligado ao contexto geopolítico da expansão das áreas de influência conquistadas ao longo do período supracitado. Essas áreas, chamadas de “satélites” da URSS, são o ponto de partida para o entendimento do “tabuleiro geopolítico” da Eurásia. Para Santos (2013), é preciso uma convicção, de que não há geopolítica sem história, não há geopolítica sem política e claro sem a geografia. Com esses três fatores associados, a geopolítica cresce de importância nas disputas internacionais para não mais sair.

Dentro desse escopo, podem-se abordar duas teorias mais relevantes que envolveram os EUA e a URSS durante a Guerra Fria. A Teoria do Heartland e a Teoria das Fímbricas; e de maneira mais específica, como os países socialistas sob a tutela da URSS se comportaram tendo como foco o preconizado por essas teorias.

Holandês, Nicholas Spykman, naturalizado americano, nasceu em 1893. Foi conhecido como um dos precursores da

Teoria da Contenção ou Teoria das Fímbricas. Sua teoria visava estudar formas de evitar que surgisse na Europa um poder similar ao dos americanos. Para Spykman, que compartilhava parte da teoria de outros geopolíticos (Mahan e Mackinder), as Fímbricas (ou margens) da Eurásia deveriam ser controladas de forma a cercar a Eurásia, ou o chamado “Heartland”, para Mackinder. Assim, o pivô geográfico seria o Rimland e não o Heartland.

Outra visão geopolítica foi a estabelecida por Halford J. Mackinder, em sua obra *O pivô geográfico da História*. Segundo Mackinder, a Teoria do Poder Terrestre ou Heartland, exemplificava de certa maneira o indireto conflito entre EUA e URSS durante a Guerra Fria. Para ele, a entidade política que viesse a dominar a Eurásia (Heartland), uma imensa área com riquezas naturais inacessível ao poder naval no centro da “Ilha do Mundo”, seria capaz de acumular poder tal que poderia se contrapor ao poder marítimo e, então, dominar o mundo. Segundo outros geopolíticos, como Meira Matos, o viés político seria o domínio da Eurásia; o viés estratégico, a ocupação de um poder político-militar no centro da Eurásia; o viés geoestratégico, a ocupação do Heartland e extensão para o litoral eurasiático; e viés estratégico-militar, a criação de um poder terrestre poderosíssimo, com o estabelecimento de alianças com países vizinhos do Heartland. Com isso, pode-se entender a preponderância política soviética sobre suas repúblicas e o poder militar gerado pelo Pacto de Varsóvia na região supracitada.

No período da Guerra Fria e como consequência dos vários problemas enfren-

tados pelos países atrelados à URSS, chegou-se ao ponto culminante da história, que foi o desmantelamento da URSS.

O desmembramento da URSS em 1991 não deixou apenas o povo soviético em situação desfavorável em relação à economia, à política e ao convívio em sociedade. Sérios problemas se fizeram presentes tanto nas ex-repúblicas da URSS quanto, principalmente, em Cuba, na China e na Coreia do Norte, além de outros países que viviam sob a tutela socialista e, por consequência, dependentes da URSS. Entretanto, algumas das repúblicas lograram certa prosperidade. Dentre esses países e regiões com legados, tanto positivos, quanto negativos, podemos citar: Rússia, Repúblicas Bálticas, países fronteiriços com a União Europeia, Repúblicas da Ásia Central, Cáucaso e Cuba.

O Brasil e a Revolução Russa

A passagem dos 100 anos da Revolução Russa tem estimulado reflexões, conferências e debates sobre a importância desse evento no Brasil. O ano de 1917 foi extraordinariamente marcado por acontecimentos que apontaram para profundas mudanças no mundo. A Revolução de Fevereiro na Rússia, como já abordado, provocou a queda do czar, trazendo inúmeras mudanças políticas, sociais, ideológicas e econômicas para Rússia. Entretanto, é mister enfatizar o impacto que tal revolução provocou no cenário internacional, repercutindo em diversos países do mundo, entre esses o Brasil.

Segundo Gaio (2017), quando nos voltamos para uma reconstrução histórica sobre a repercussão da Revolução Russa no Brasil,

é preciso recuperar o que foi escrito em uma época que, na história aqui documentada, ainda não se praticava o que é chamado de história cultural ou história dos aspectos secundários de algo. Diante dessa perspectiva, as primeiras influências da Revolução Russa no Brasil, tiveram suas raízes em pensamentos marxista-leninistas, mesmo que veladamente, o que permitiu a articulação política do socialismo no seio da sociedade brasileira. Cabe enfatizar a influência que Antônio Gramsci passou a exercer no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, com a publicação das ideias contidas em *Cadernos do cárcere*, por meio do qual se extraiu o arcabouço teórico para o fortalecimento da doutrina socialista da “esquerda” no ocidente.

Durante o período em que ocorreu a Revolução Russa, o Brasil estava sob a liderança do presidente Wenceslau Braz, que sucedeu ao marechal Hermes da Fonseca, dando continuidade à política das oligarquias de Minas Gerais e São Paulo, conhecida como “Política do Café-com Leite”. Wenceslau Braz governou entre 1914 e 1918, período esse que coincidiu com a ocorrência da Primeira Guerra Mundial, com participação brasileira no conflito.

Nesse período, o crescimento da classe operária brasileira ocorreu naturalmente devido à expansão do setor industrial. Como consequência, surgiram as primeiras organizações trabalhistas e as lideranças sindicais, que começaram a atuar a favor de reivindicações e interesses dos trabalhadores do setor industrial. O grande salto industrial do país aumentou a oferta de emprego, em particular no setor fabril. Este setor passou a mostrar vulnerabilidades no que se refe-

ria às condições de trabalho dos operários, o que evidenciou a insatisfação da classe trabalhadora em um primeiro momento.

Nesse cenário político, econômico e social de intensas mudanças no Brasil, do outro lado do mundo, ocorria a Revolução Bolchevique. Não há um consenso historiográfico quanto à influência imediata da Revolução Russa nas questões operárias brasileiras no ano de 1917.

Entretanto, os anos subsequentes revelaram reflexos incontestáveis da proposta marxista-leninista cultuada na luta do proletariado russo pelo poder, dos quais podemos citar alguns mais relevantes, tais como: criação do Partido Comunista do Brasil (PCB) em 1922, a Intentona Comunista (1935), criação da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), formação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN), formação dos Grupos dos 11, a Contra-Revolução de 31 de Março de 1964 e, posteriormente, a adoção da estratégia gramscista para a tomada do poder no Brasil. Em todos esses eventos, a abordagem ideológica cultivada desde a Revolução Russa se fez presente. De fato, em nenhuma delas a proposta comunista teve sucesso, entretanto revelou sua face violenta de imposição em sua tentativa de tomada do poder.

Da segunda metade do século XX em diante, houve a crescente utilização no Brasil da estratégia gramscista. O livro *Cadernos do Cárcere* foi o grande vetor de disseminação da doutrina de Antônio Gramsci no mundo, sendo publicado no Brasil, entre 1966 e 1968.

O PCB esteve sempre voltado para estabelecer o comunismo no país.

O PCB vinha de uma frustrante e contundente derrota na sua segunda tentativa de tomar o poder no Brasil. Tanto na primeira investida (a intencional de 1935), quanto na segunda (“via pacífica”), o partido seguiu o modelo marxista-leninista para chegar ao poder, fiel à orientação da Internacional soviética em cada uma das ocasiões [...] (COUTINHO, 2012)

De fato, havia um questionamento no âmbito do PCB quanto ao modelo leninista de “assalto ao poder” e da “via pacífica para o socialismo”, ambos malsucedidos no Brasil, o que causou divergências internas no que tange à validade de qual doutrina empregar.

A proposta comunista se revelou com uma nova face, por meio da qual foram citados novos objetivos intermediários, tais como: restauração da democracia, anistia e o estabelecimento de uma Assembleia Constituinte

De fato, em que pese, em 1979, a própria imprensa citar algumas referências advindas das ideias de Gramsci, não foram suficientes para ocorrência de uma reestruturação do PCB e sua factual mudança de concepção. É mister ressaltar que as estruturas do partido estavam um tanto desgastadas pelos revezes ocorridos entre 1974 e 1975, com a derrota do terrorismo urbano e uma tentativa de implantação de guerrilha com concepção maoísta no país, ambos vencidos pela ação de órgãos policiais e forças de segurança. Assim, parte dos militantes comunistas foram presos ou refugiaram-se no exterior, sendo os remanescentes (e simpatizantes cooptados) infiltrados clandestinamente na política de oposição, no partido de “esquerda”, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), utilizando-se da tática da dupla-militância, que resultou na eleição de

alguns deputados estaduais e federais que atendiam aos interesses comunistas.

Conceitos trazidos da obra de Gramsci foram interiorizados na cultura, política, sociedade e economia do país. Segundo Coutinho (2012), pode-se inferir que os temas relativos à atuação do gramscismo no Brasil estão diretamente relacionados com três empreendimentos que podem ser facilmente contextualizados em acontecimentos e fatos do século XXI, quais sejam: a superação do senso comum; a neutralização dos aparelhos de hegemonia da burguesia; e a ampliação do Estado.

O senso comum é o conjunto das opiniões aceitas pela maioria das pessoas que compõem determinada sociedade. Essas opiniões, quando contrárias ou divergentes à maioria, parecem discrepantes e desajustadas no seio de uma sociedade organizada. Para Coutinho (2012), a superação do senso comum estimula a modificação de valores, tradições, costumes, modo de pensar, conformidade religiosa e social que direcionam a sociedade para coesão interna, consenso e resistência a mudanças ideológicas.

A deturpação do conceito de legalidade em substituição pela legitimidade caracteriza-se como um dos focos de superação do senso comum. O que é legal perde espaço para o dito legítimo. No presente século, constatam-se eventos como: a invasão de terras por organizações como MST, a ocupação de imóveis e prédios públicos, financiada e estimulada por lideranças políticas, como por exemplo, a ocupação do edifício no Largo do Paissandu, em São Paulo, que acabou desabando em maio de 2018, e o saque de estabelecimentos que se “tornam legítimos” porque correspondem a reivindicações avaliadas como justas.

Alinhada com as propostas de Gramsci, no que se refere à neutralização dos aparelhos de hegemonia da burguesia, pode-se estabelecer um paralelo dos grupos dominantes hegemônicos que reconhecidamente atuam no esforço da imposição indireta de uma ideologia socialista no Brasil. São identificados com o conjunto das organizações estatais, da sociedade política e das organizações privadas da sociedade civil de maior relevância, estão infiltrados neles, os mais significativos: o Judiciário, o Congresso Nacional, o Executivo (Governo), os Partidos Políticos “Burgueses”, as Forças Armadas, o Aparelho Policial, a Igreja Católica e o Sistema Econômico Capitalista.

Assim, ocorrem a neutralização das organizações supracitadas, predominantemente por meio de uma guerra psicológica, visando a atingi-las e a miná-las, incluindo-se para tal: ações de enfraquecimento pela desmoralização, desarticulação e perda de base social, política, legal e da opinião pública; esvaziamento, pelo isolamento da sociedade, perda de prestígio social, perda de funções orgânicas, comprometimento ético, quebra da coesão interna e dissidência interna; e constrangimento e inibição por meio do monitoramento ideológico, por meio da infiltração de intelectuais orgânicos.

Considerado um outro viés da teoria gramsciana, a concepção ampliada do Estado consiste na absorção deste pela sociedade civil. A ampliação se dá à medida que as organizações civis assumem certas funções estatais, denominadas organizações não-governamentais (ONG), cuja sustentação financeira nunca tem sua origem muito bem definida, sendo seus recursos suficientes

para financiar os mais variados projetos e iniciativas e para manter um grande número de pessoas ativas sob os títulos de ambientalistas, especialistas, defensores disto e daquilo, pacifistas etc.

Assim, nessa relação estabelecida entre Governo e organizações não-governamentais, para a realização principalmente de projetos sociais e preservacionistas, além de aplicarem recursos públicos nas entidades da sociedade civil organizada, são a maneira mais eficiente, embora lenta e discreta, de realizar a ampliação do Estado, configurando-se uma forma de evolução da democracia. Para alguns, na verdade, é parte da concepção na transição para o socialismo.

De fato, a relação do Brasil com a Revolução Russa, ao longo da história, foi construída em torno de preceitos democráticos, as ideias marxista-leninistas e a concepção gramscista, quando estimuladas e/ou impostas, causaram divergências e instabilidades no país, sobretudo no período em que o mundo vivenciou a Guerra Fria. Essa situação se materializou em reflexos, por meio de fatos que marcaram a história dos brasileiros, sendo alguns citados nesse artigo.

Cabe destacar que, a despeito dos erros e acertos da tentativa da construção de uma sociedade de natureza socialista em outros países, esta, de maneira geral se mostrou ineficiente e destrutiva no contexto brasileiro no século XX. Entretanto, no Brasil há uma consonância de objetivos entre o projetos marxista-leninistas e gramscista, trazendo à tona fatos que remontam à luta pela construção de uma nação socialista, como idealizado e operacionalizado na Rússia em 1917.

Conclusão

O presente artigo teve como objetivo analisar em que medida os eventos ocorridos na Revolução Russa impactaram o cenário mundial ao longo de 100 anos, e como esses se refletiram no Brasil.

O ponto de partida para o entendimento das origens de tão relevante evento ocorrido no século XX foi construir um raciocínio em torno das concepções socialistas, embasando-se em relevantes autores, que motivaram o movimento e que fazem perpetuar algumas ideias até os presentes dias. De fato, a história do socialismo e do comunismo teve ao longo do tempo uma gama variada de atores, desde a concepção inicial de uma sociedade ideal, com o surgimento do conceito de “socialismo”, até surgimento de pensadores que impulsionaram os movimentos revolucionários por todo o mundo.

Nesse sentido, o socialismo científico, seguindo as premissas de Karl Marx e Friedrich Engels, angariou diversos adeptos na sociedade contemporânea, motivando movimentos revolucionários importantes, como a Comuna de Paris e a Revolução Russa, demonstrando, cada um em sua época, a força ideológica do marxismo em defesa do socialismo.

Outro importante autor foi Antônio Gramsci, que, por meio da divulgação do *Cadernos do Cárcere*, passou a disseminar as ideias socialistas e comunistas em diversos países, com mais expressão, a partir da segunda metade do século XX. Assim, a Revolução Russa figurou como marco entre dois momentos históricos do pensamento socialista, fomentando disputas ideológicas no ce-

nário internacional que se perpetuaram ao longo dos tempos, afetando estruturas políticas, econômicas, sociais de diversas nações.

A Revolução Russa dividiu-se em duas etapas ou, podemos também dizer, em “duas revoluções” que se entrelaçaram. O estudo do mecanismo político e das classes sociais na primeira revolução, a Revolução de Fevereiro, é essencial para compreender os acontecimentos que conduziram à tomada do poder pela classe operária na Revolução de Outubro.

Incontestavelmente, foi um movimento que criou uma nova realidade política no país em que se desenvolveu. A passagem do czarismo para uma república socialista foi produto do movimento revolucionário do proletariado contra a burguesia, o que proporcionou a ascensão dos bolcheviques ao poder, culminado com o governo de Lênin e, adiante, a criação da URSS como instrumento de expansão ideológica. Cabe ressaltar que a Revolução Russa estabeleceu as bases críticas para o socialismo e para o comunismo, mundialmente. A partir dos eventos transcorridos durante essa fase da história, essas ideologias ganharam expressão, impactando outros países no mundo.

As evoluções da luta do proletariado fundamentaram a doutrina marxista-leninista, principalmente nas Repúblicas Socialistas Soviéticas no Leste Europeu. Constatou-se que, no decorrer da Guerra Fria, tal condição não se limitou à Europa, vindo o comunismo se expandir, por meio da Internacional Comunista (IC), para países além desse continente. Assim, tal fato reorganizou o “tabuleiro geopolítico” no cenário mundial, evidenciando uma preocupação crescente dos países ocidentais na luta

contra a implantação desse regime em suas estruturas de governo.

Cabe destacar em quais campos do poder também atua o socialismo. Não somente a esfera política é afetada, os campos econômico e social sofrem grandes impactos. Tal condição tornou-se evidente no contexto da Guerra Fria com a disparidade de acesso a bens de consumo e níveis de qualidade de vida entre os países que adotaram o capitalismo, sendo um dos fatores de insucesso do comunismo na maioria dos países que se propuseram a adotá-lo. Em que pese poucas nações terem mantido o socialismo como regime político em seus governos, atualmente, o caráter ideológico marxista nas “esquerdas” encontra-se arraigado em diversos países, sendo defendido por alguns historiadores como o “socialismo do século XXI”. Assim, foi notória a influência que a Revolução Russa proporcionou no cenário mundial nas décadas subsequentes à sua ocorrência, proporcionando modificações constantes nas relações entre os países de diferentes continentes.

No contexto brasileiro, este artigo buscou estabelecer a relação com a Revolução Russa por meio de um breve panorama de como este processo influenciou a esquerda no Brasil, tanto no imediato pós-revolução, como também ao longo das décadas seguintes. De fato, foi dado destaque para os movimentos da revolução russa e da IC e suas influências sobre a esquerda no Brasil e seus pontos de inflexão, sendo os mais relevantes: a fundação do PCB em 1922; o VI Congresso da IC em 1928; e a Contra-Revolução de 1964.

Estudar a Revolução Russa possibilitou conhecer uma parte da história pouco discutida em nosso país. O estudo possibilitou verifi-

car suas origens e constatar a repercussão que teve no Brasil e o quanto foram difundidas as ideias socialistas por diversos intelectuais. O novo modelo político e social russo, pós-revolução, motivou o movimentos sociais e militares, que também tentaram, sem sucesso, implantar uma revolução. Indo um pouco além, esse estudo permitiu identificar a posição do Brasil no contexto geopolítico mundial, a partir da ocorrência da Revolução Russa.

Diante desse panorama, já no final do século XX, a partir da década de 1980, a revolução comunista no Brasil seguiu com maior intensidade a concepção gramsciana de transição para o socialismo. Em síntese, essa linha convive com o pensamento e a prática política marxista-leninista de alguns partidos, somando esforços numa assumida postura tática de “pluralismo das esquerdas”. É também exitosa na penetração no meio intelectual e na moral da sociedade.

Atendendo à concepção gramscista, no Brasil do século XXI, em particular, foram identificados alguns objetivos pretendidos; são eles: superação do senso comum; a neutralização dos aparelhos de hegemonia da burguesia; e a ampliação do Estado.

Eventos históricos e recentes indicam uma profunda participação de militantes e simpatizantes comunistas inseridos nas igrejas, nos jornais, nos órgãos governamentais, nas escolas, nas faculdades, nas rádios, nas redes de televisão, nas editoras, nos sindicatos, nas ONG's etc., todos atuando com o objetivo de superar o senso comum e estabelecer o consenso.

Sendo assim, conclui-se que a Revolução Russa ainda revela legados significativos no contexto brasileiro. A nossa sociedade dividida em segmentos e as instituições

desacreditadas, em grande parte, se devem às atividades esquerdistas, e decorrem de um projeto de poder que se desencadeou desde a criação do PCB, nos idos de 1922.

Por fim, passados os 100 anos da Revolução Russa e após tantas revoluções e movimentos nela inspirados, ainda é intenso o interesse de muitos militantes e estudiosos

no tema. E torna-se tarefa importante reavaliar o passado, considerar métodos, táticas e procedimentos bem como os erros e acertos na tentativa da implantação do socialismo/comunismo nos países, a fim de evitar o totalitarismo, com a perda das liberdades, e as mazelas econômicas que são as suas consequências. 🌐

Referências

ARAUJO, Marcele Juliane Frossard. “**Karl Marx**”. Disponível em <www.infoes-cola.com/biografias/karl-marx/>. Acesso em 3 de março de 2018.

ARAUJO, Marcele Juliane Frossard. “**Friedrich Engels**”. Disponível em <www.infoescola.com/biografias/friedrich-engels/>. Acesso em 3 de março de 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto de Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BAÑA, Martín. “**Como narrar a história da Revolução Russa no seu centenário?**”; Disponível em <[//dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.319006](https://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.319006)>. Acesso em 8 de março de 2018.

BASTOS, Amanda; VEIGA, Jefferson. “**Do Antigo Regime ao Outubro Vermelho**”, Disponível em <www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/JeffersonAmandaou-tubro_vermelho.pdf>. Acesso em 11 Maio de 2018.

BIASETTO, Bruno. **A Revolução Russa: Elefante Letrado**, 2014.

BUGIATO, Martins Caio. “**O Impacto da Revolução Russa e a Fundação do Partido Comunista do Brasil**”, Disponível em <www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/viewFile/128/123>. Acesso em 11 agosto de 2018.

CAPELAS, Mariana Pascon. “**Tipos de Socialismo**”. Disponível em <www.co-ladaweb.com/historia/tipos-de-socialismo>. Acesso em 9 Maio de 2018.

COUTINHO, Sérgio. **A Revolução Gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antônio Gramsci em Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2012.

FERGUSON, Niall. “**Civilização, Sociedade e seus Valores**”. Revista Fronteiras do Pensamento. Disponível em <www.fronteiras.com/ativemanager/uploads/arquivos/produtos_culturais/323de3e1cb944c3533a5d5612554c527.pdf>. Acesso em 11 de março de 2018.

FITZPATRICK, Sheila; COUTO, José Geraldo. **A revolução russa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Todavia, 2017.

GAIO, André Moysés. **A Revolução Russa e o Brasil**.

GALOIS. “**Ideologias Políticas Contemporâneas**”; Disponível em <http://2bgalois.Wordpress.com/socialismo-e-comunismo>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, 598 p.

KONDER, Leandro. **A Derrota da Dialética: A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o início dos anos trinta**. São Paulo: Expressão Popular, [1988] 2009.

LÉON, Jaime. “**A Revolução Russa e suas influências sobre o contexto no qual se desdobra o debate da revolução brasileira**”; Disponível em <http://www.niepmarx.blog.br/MM2017/anais2017/MC77/mc771.pdf>. Acesso em 8 de março de 2018.

MACAMBIRA, Dalton Melo. **O Centenário da Revolução Russa, a crise e o seu legado!** V.6. Teresina: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, jun 2017.

MELO, Wanderson. “**O Processo da Revolução Russa de Fevereiro de 1917: protagonismo dos trabalhadores, estouro revolucionário e dualidade de poderes**”. Disponível em <http://docplayer.com.br/69409164-O-processo-da-revolucao-russa-de-fevereiro-de-1917-protagonismo-dos-trabalhadores-estouro-revolucionario-e-dualidade-de-poderes-melo-wanderson-1.html>. Acesso em 7 de março de 2018.

MOTTA, Arilcides de Moraes. **31 de março: o movimento revolucionário e sua história**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003. 13 tomos.

NETO, Sousa Jacinto. “**A Tentativa de Implantar o socialismo no Brasil**”. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/68026/a-tentativa-de-implantar-o-socialismo-no-brasil>. Acesso em 8 de setembro de 2018.

PEREIRA, Joana Dias. **O ciclo de agitação social global de 1917-1920**, Ler História [Online], 66, 2014.

PIACENTINI, Patrícia. “**Superpotência exerce papel central na geopolítica mundial**”. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000400008>. Acesso em 4 de março de 2018.

REIS FILHO, Daniel Arão. **A Revolução Russa: 1917-1921**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SECCO, Lincoln. “**O Centenário da Revolução Russa**”; Disponível em <http://dxdoi.org/10.1590/s0103-40142017.3191008>. Acesso em 8 de março de 2018.

SEGRILLO, Ângelo. “**Karl Marx e a Revolução Russa**”; Disponível em <http://dxdoi.org/10.1590/s2178-14942017000200010>. Acesso em 6 de março de 2018.

SPINDEL, Arnaldo. **O que é o socialismo**. 1 ed eBook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

SUKHANOV, Nicolai. **“La Révolution Russe 1917”**. Paris: Stock, 1965.

TOLEDO, Edilene. **“Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917”**; Disponível em <www.scielo.br/scielo.php?script=Sci_arttext&pid=S0103-21862017000200497>. Acesso em 6 de agosto de 2018.

TONET, Ivo. **“A Revolução Russa e o Resgate de uma Perspectiva Revolucionária”**. Disponível em <[//revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/33248/pdf](http://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/viewFile/33248/pdf)>. Acesso em 7 de março de 2018.

TORRES, Mike. **“A herança deixada pela União Soviética no mundo socialista”**. Jornal Diário de Pernambuco. Disponível em <www.diariodePernambuco.com.br/app/noticia/mundo/2017/01/20/interna_mundo,683916/sem-edicao-o-antes-e-de-apos-dos-paises-da-ex-urss.shtml>. Acesso em 6 de agosto de 2018.

WESTIN, Ricardo. **“Deflagrada há 100 anos, Revolução Russa também mudou o Brasil”**. Senado Notícias. Disponível em <www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/deflagrada-ha-100-anos-revolucao-russa-tambem-mudou-o-brasil>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

XAVIER, Fernanda Ollé. **“Episódios da Guerra Fria: Seu início, meio e fim”**. Disponível em <www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao/>. Acesso em 13 de julho de 2018.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Comunismo é uma doutrina social, segundo a qual se pode e deve “restabelecer” o que se chama “estado natural”, em que todos teriam o mesmo direito a tudo, mediante a abolição da propriedade privada. Nos séculos XIX e XX, o termo foi usado para qualificar um movimento político. Disponível em: <www.significados.com.br/comunismo/>.

² Soviete de Petrogrado – Um dos governos paralelos ao governo Provisório, composto por socialistas e mencheviques.